

# Legado clássico no Renascimento e sua recepção:

contributos para a renovação  
do espaço cultural europeu

Nair de Nazaré Castro Soares,  
Cláudia Teixeira (Coords.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

*EPÍSTOLA DE ANDRÉ DE RESENDE A D. FR. GASPAR DO CASAL.*  
**BREVE APONTAMENTO TURÍSTICO-GASTRONÓMICO**  
(André de Resende's *Epistle to D. Fr. Gaspar do Casal*. A brief touristic and  
gastronomic note)

VIRGÍNIA SOARES PEREIRA (virginia.soarespereira@gmail.com)  
Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho

RESUMO – No conjunto das cartas de André de Resende, a Epístola a D. Fr. Gaspar do Casal, bispo de Leiria, distingue-se das restantes por conter, na parte final, um excurso sobre lugares a visitar na região e uma sugestão gastronómica: mугem grelhado, acompanhado de um bom vinho da colheita do prelado. Depois de enquadrar historicamente a epístola, atentaremos em particular nesse breve excurso final.

PALAVRAS-CHAVE – André de Resende, Gaspar do Casal, século XVI, epistolografia humanística, concílio de Trento, erasmismo.

ABSTRACT – Among André de Resende's letters, Epistle to D. Fr. Gaspar do Casal, Bishop of Leiria, distinguishes from the others because it contains, in its final lines, a kind of rotary excursus about sites to visit and a gastronomic suggestion: grill of mugil and a good wine from bishop's vine. After situating the letter historically, we will pay particular attention to its final excursus.

KEYWORDS – André de Resende, Gaspar do Casal, XVI century, humanistic epistolography, Council of Trent, Erasmism.

Já Paul Van Thieghem, no seu conhecido estudo sobre a literatura latina do Renascimento publicado no distante ano de 1944, chamou a atenção para o particular interesse (literário e histórico-cultural) de que se reveste o conhecimento da produção epistolar dos humanistas. Escreveu ele: “Les lettres latines des humanistes et de leurs contemporains restent les monuments peut-être les plus intéressants de cette abondante littérature.”<sup>1</sup> É bem verdade que “o Renascimento fez da epístola um género essencial para a comunicação espiritual e científica”, como afirmou J. Huerta Calvo.<sup>2</sup> O mesmo se pode dizer a respeito do uso da epístola por André de Resende. Na esteira da tradição clássica e

---

<sup>1</sup> Van Thieghem 1944 1966: 220. Opinião semelhante expenderam muitos outros estudiosos do Renascimento, como P. O. Kristeller 1985: 345, que sublinha duas qualidades essenciais da epístola humanística: a elegância estético-formal e a variedade e espontaneidade do seu conteúdo.

<sup>2</sup> García Berrio e Huerta Calvo 1999: 226. Para uma compreensão ampla da tradição clássica da epistolografia e das características da arte epistolográfica em geral, bem como do valor e do uso da epístola em verso no Humanismo Português, veja-se Saulo Neiva 1999: 37-58.

humanística, uma parte considerável da sua produção escrita é constituída por um significativo número de epístolas (umas em verso, outras em prosa, a maior parte em latim, algumas em vernáculo) dirigidas a amigos ou a destinatários com interesses histórico-culturais afins. São cartas de uma grande diversidade temática e tipológica, desde cartas prefaciais, cartas-dedicatórias, ou cartas-tratado (que no geral explanam matérias de fundo histórico “com muytas erudiçoens”, como escreveu Leitão Ferreira) – a chamada carta erudita –, a cartas elegíacas, a cartas de elogio ao destinatário pela qualidade da sua obra, ou ainda cartas a solicitar opinião sobre determinado assunto ou a responder a solicitações idênticas.<sup>3</sup>

Uma tal predileção do Eborense pela comunicação epistolográfica, comum à de tantos humanistas portugueses e europeus, justifica-se plenamente tendo em atenção as diversificadas potencialidades expressivas deste género literário, que teve em Cícero, Séneca e Plínio-o-Moço, na carta em prosa, e em Horácio e Ovídio, na epístola em verso, os seus principais cultores. Como sublinhou Muñoz Martín: “La carta es capaz de potenciar el mismo mensaje objectivo por la naturaleza de su propia estrutura, que integra la presencia a pesar de la ausencia, autorrepresentación, expresión de amistad, consejo y amonestación persuasiva.”<sup>4</sup>

De todas estas potencialidades encontramos reflexos na carta de Resende de que vamos tratar, a epístola poética a D. Fr. Gaspar do Casal com 114 hexâmetros dactílicos, intitulada *L. Andr. Resendii Epistula ad Reuerendum in Christo patrem D. Gasparem Casalem, Episcopum Leirenensem*. Neste artigo, começaremos por fazer a contextualização histórica da epístola, procedendo depois ao comentário dos versos finais (vv. 80-114), com edição do texto latino e tradução destes mesmos versos.<sup>5</sup>

## 1. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

Tanto o destinatário quanto o autor da epístola foram, no seu tempo, figuras do maior relevo intelectual e prestígio social. D. Fr. Gaspar do Casal (Santarém, 1510 – Coimbra, 1584), Bispo de Leiria de 1557 a 1579, fora antes bispo do Funchal e virá depois a ser bispo de Coimbra. Ao delinear o perfil biográfico,

---

<sup>3</sup> Na “Bibliografia Resendiana – Parte II (catálogo Alfabético)”, que complementa as *Notícias da Vida de André de Resende*, da autoria de Fr. Leitão Ferreira, registam-se (pp. 310-322) perto de cinquenta epístolas do humanista eborense. Sobre os principais tipos de cartas resendianas, veja-se Pereira 2002: 275-293.

<sup>4</sup> Muñoz Martín 2002: 208-209.

<sup>5</sup> A carta integra o volume intitulado *L. Andr. Resendii Carmen Endecasyllabon ad Sebastianum regem serenissimum*, Olisipone, 1567 [Res. 158 – 1 – V], ff. 42-45]. Utilizei a versão digitalizada da Biblioteca Nacional. Os versos transcritos estão de acordo com as modernas orientações relativas à edição de textos em latim, isto é, seguindo a ortografia clássica restaurada.

intelectual e cultural deste prelado, Saul António Gomes<sup>6</sup> escreveu: “bispo que podemos situar, na linha do antecessor [sc. D. Brás de Barros], no grupo dos clérigos e intelectuais reformadores saídos de ordens religiosas mendicantes protagonistas da reforma religiosa católica em Portugal. [...] Teólogo, pregador e confessor de D. João III, esteve presente nas sessões conciliares do terceiro período de Trento (sessões XXI a XXV), que teve início no dia 18 de janeiro de 1562, participando na elaboração dos cânones, em 20 de Abril de 1562, sobre a residência episcopal e, em 20 de julho desse ano, na preparação dos cânones doutrinários atinentes ao santo sacrifício da missa.” Da sua participação na terceira fase do Concílio de Trento, que só abriu a 18 de janeiro de 1562, dão larga conta as atas conciliares e os muitos historiadores, escritores, biógrafos e teólogos que, nas mais variadas circunstâncias, fazem o elogio das suas intervenções. Interveio nas questões do valor sacrificial e propiciatório da Ceia de Cristo e da Missa, da Comunhão sob as duas espécies, do sacramento da Ordem, da autoridade dos bispos em relação ao Papa e da doutrina do Matrimónio.<sup>7</sup> Como se verá, esteve também presente no Sínodo Provincial reunido pelo Arcebispo-Cardenal D. Henrique, em Lisboa, 1566.

André de Resende (Évora, c. 1500 – 1573), por sua vez, é uma das figuras mais proeminentes do humanismo renascentista em Portugal. Frade dominicano desde menino, fez os seus estudos em Alcalá, Salamanca, Paris e Lovaina. Regressado ao país, repartiu a sua atividade entre Lisboa, Coimbra e Évora, foi pregador do rei D. João III, e mais tarde do cardeal D. Henrique, e foi mestre dos infantes D. Afonso e D. Duarte, entre outros nobres. Em resultado do exercício destas funções, que reclamavam a sua presença constante na corte, trocou o hábito (bem contra vontade) pelas vestes de padre secular, embora nunca tenha deixado de se sentir frei dominicano.<sup>8</sup> Foi teólogo, orador e pregador, arqueólogo, historiador, biógrafo, hagiógrafo, gramático, epistológrafo, poeta. Produziu uma obra vasta, com mais de cento e cinquenta títulos, redigida na sua maior parte em latim. Personalidade

---

<sup>6</sup> Gomes 2001: 77 (s. u. “Diocese Leiria-Fátima”). Sobre a participação de Gaspar do Casal na terceira fase do Concílio de Trento, vd. Castro 1961: 751-752.

<sup>7</sup> Vd. Castro 1961: 751-752. Da competência e ampla ciência filosófica e teológica do Bispo falam também os seus próprios livros, a maior parte dos quais veio a lume, precisamente, no último ano do Concílio.

<sup>8</sup> No seu testamento, cuja última versão data de 1 de dezembro de 1573, Resende deixou exarada a sua vontade de ser sepultado no mosteiro de S. Domingos, “levando-me os padres no hábito da Ordem com que me criei, o quall eu nunqua engentey, mas fizeram-mo leixar”; estas palavras constam do testamento, que foi transcrito (de cópia de certidão autêntica) por Fr. Leitão Ferreira e completado por Braancamp Freire, nas “Notícias da vida de André de Resende”, no vol. IX do *Arquivo Histórico Português*, pp. 223-229. A ligação de Resende a esta Ordem é visível também no facto de, entre outras doações, deixar parte da sua livraria ao mesmo mosteiro, como afirma no referido testamento (p.227): “Digo, que por quanto a traz tenho dito, que deixo os meus livros de teologia, e filosofia, e exposição da Escripura ao moesteiro de Sam Domingos desta cidade [sc. Évora]”.

multifacetada, culturalmente ‘estrangeirado’, “português pelo sentimento e europeu pelo espírito de renovação”<sup>9</sup>, Resende participou nos grandes debates da época e sentiu vivamente os problemas causados à Igreja pelos movimentos de reforma que grassavam no norte da Europa. Alguns desses problemas virão a ser tratados com certa desenvoltura (por assim dizer erasmiana) no *Aegidius Scallabitanus*, um longo diálogo sobre a vida de Fr. Gil de Santarém que, talvez por prudência, deixou inédito. Entre os temas tratados nesta obra que trazem as marcas da influência de Erasmo no espírito de Resende contam-se: a questão do ciceronianismo e a defesa (na linha, aliás, do que sustentaram muitos padres da Igreja) da ideia de que a retórica pagã não era incompatível com a religião cristã; a autoria do *corpus Areopagiticum* e a possível identificação do Areopagita com S. Dinis de Paris; algumas questões de natureza teológica e religiosa, nomeadamente: o problema da justificação – um tema espinhoso que dividia então a Cristandade e pusera em confronto declarado Lutero, com o seu *De seruo arbitrio*, e Erasmo, com o seu *De libero arbitrio*, e que por isso mesmo fora debatido em Trento, em 1546; o culto dos santos, a crença no valor das relíquias, a definição de milagre e o papel da oração vocal – um conjunto de temas difíceis e embaraçosos (pois todos esbarravam com as posições menos ortodoxas de Erasmo), que seria inevitável não abordar num diálogo humanista em torno da vida de um santo; por fim, considerações sobre o estado da Igreja, criticada pela atribuição de cargos eclesiásticos a indivíduos sem preparação para tal. Ora esta matéria confina com parte da carta a Fr. Gaspar do Casal,<sup>10</sup> sensivelmente contemporânea da redação do *Aegidius Scallabitanus*, que, como foi dito, ficou inédito.<sup>11</sup>

O motivo próximo da carta em apreço terá sido o regresso do Bispo de Leiria à sua diocese, depois de alguns anos de ausência, para retomar as suas funções episcopais. Essa ausência fora motivada e justificada pela participação do Bispo, na qualidade de teólogo, nas sessões do terceiro período do Concílio de Trento<sup>12</sup>, em 1562-1563, e, a seguir, no Sínodo Provincial de Lisboa, presidido

<sup>9</sup> Crespo 1934: 71.

<sup>10</sup> Refiram-se os vv. 26-38, que recorrem a uma linguagem de forte cunho crítico, e até sarcástico, para definir a atitude de pastores que, por contraposição à do bom pastor, apenas pensam no lucro e agem como lobos para com o seu rebanho. Termos como *alienarum custos* (v. 26, ‘guardador de bens alheios’), *mercedi intentus* (v. 27, ‘preocupado com o lucro’) ou, mais fortes ainda, os versos 36-39: *Vellere lanitium, pecudem deglubere curat. / Dumque modo inuito spument mulctralia succo, / ore capistrato ieiunia perferat agnus* (‘Trata de tosquiar a lã, esfolar o gado. É até que os tarros se encham, agora, de leite, a contragosto, o cordeiro, com a cabeça açaimada, aguenta a fome’).

<sup>11</sup> Para uma análise aprofundada dos temas aqui elencados e da sua notória marca erasmista, veja-se Resende 2000: 159-228 (“Caminhos e descaminhos dos excursos”).

<sup>12</sup> Em suma, foi a seguinte a cronologia dos passos de D. Gaspar do Casal: partiu para o Concílio depois de 3 de abril de 1561, tendo chegado a Trento a 11 de julho. Saiu de Trento, na companhia do arcebispo de Braga, em 8 de dezembro de 1563, chegando a Leiria nos princípios do ano de 1564. Participou no Sínodo provincial de Lisboa, em dezembro de 1566, reunido pelo arcebispo de Lisboa para pôr em prática as decisões de Trento, e, mais tarde, no de 1574.

pelo Arcebispo, o Cardeal D. Henrique, em 1566. Apesar de não estar datada, a carta deve ter sido escrita, segundo Leitão Ferreira, neste ano de 1566, em que se celebrava em Lisboa o referido Sínodo.<sup>13</sup> Dá-se ainda a circunstância de o Eborense, neste mesmo ano, se encontrar também presente no Sínodo de Lisboa, com a missão de redigir em latim as atas das sessões. Compreende-se, pois, que tenha querido saudar D. Frei Gaspar do Casal mediante uma carta-poema em latim, dada à estampa em 1567, na qual elogiava o amigo e manifestava grande apreço pelas suas ideias sobre a questão da residência dos bispos e a necessidade de rever o modo de vida dos sacerdotes, de costumes relaxados e pouco consentâneos com a dignidade e as obrigações pastorais do cargo.

## 2. COMENTÁRIO

Leitão Ferreira, nas suas preciosas *Notícias da vida de André de Resende*,<sup>14</sup> dá em poucas linhas uma espécie de resumo interpretativo do conteúdo da carta, afirmando que Resende procura consolar D. Fr. Gaspar do Casal, de quem era muito amigo, que se lamenta por estar demasiado tempo afastado da sua Igreja e do seu rebanho, não apenas durante o período em que participou na terceira fase do Concílio de Trento (1561-1563), mas também por ocasião do Sínodo de 1566. Defendendo embora a obrigação que incumbe aos Bispos de residirem na sua diocese, junto das suas ovelhas, nas Igrejas de que são Pastores, procura convencer o Prelado de que não é culpado dessa longa ausência e passa a elogiar a qualidade das suas intervenções no Concílio<sup>15</sup> e da sua obra escrita (vv. 51-61). Prossegue, depois, esta carta consolatória, lembrando-lhe que em breve regressará a Leiria, onde poderá estar de novo junto da comunidade que dirige e rever os lugares que fazem da região um espaço de grande interesse e, sendo possível, de descanso.

Como se depreende deste resumo, a epístola consta essencialmente de três momentos: o primeiro, relativo aos deveres do bispo para com a sua comunidade; o segundo, respeitante ao elogio do Bispo de Leiria, quer na forma como defendeu as suas ideias em Trento, quer no modo como administrava os bens eclesiásticos; o terceiro e último diz respeito aos encantos da terra e do mar da diocese sob sua jurisdição, e às delícias associadas a um dia de descanso, dedicado à pesca. Pode dizer-se que a carta conjuga dois dos três “géneros” epistolares enunciados por Cícero na famosa Carta a Curião (*Fam.* 2. 4), o severo-grave, na primeira parte, e o familiar-jocoso, nos versos finais. Não obstante, é a Horácio, no conteúdo

---

<sup>13</sup> A este Sínodo fazem referência os vv. 62-63 da carta: *Et modo Olyssaeam quum conuenistis ad urbem / Pontifices aetate graues, virtute colendi.*

<sup>14</sup> Ferreira 1910: 185.

<sup>15</sup> A dificuldade da aprovação da obrigação de residência dos bispos, pela qual Gaspar do Casal interveio empenhadamente no decurso das sessões, resultava do facto de que quer os reis católicos, quer D. João III, “Todos se mostravam muito ciosos na administração dos altos benefícios eclesiásticos” (Barbosa 1991: 25).

e na forma das suas epístolas, que a carta de Resende vai buscar as suas raízes. Como se sabe, no poeta venusino, epístola e sátira têm afinidades indiscutíveis. Além disso, como escreve Muñoz Martín (2002: 209) a este propósito: “La carta horaciana contenta amistad, testimonio personal, crítica social y moral, adoctrinamiento, aunando todo ello com una perfección formal adecuada al *sermo*, que hizo de ella un modelo sin igual.”<sup>16</sup>

Não é propósito deste breve apontamento comentar a componente doutrinária da epístola, ainda que relevante. Comentarei da carta apenas a parte final, esta espécie de roteiro que regista os lugares que o bispo poderá e quererá, por certo, rever quando regressar à sua cidade episcopal. Diga-se, no entanto, que os versos relativos à mencionada componente doutrinária tratam de questões que afligiam aqueles que pretendiam a reforma eclesiástica e moral da Igreja, os quais condenavam os luxos em que viviam muitos “pastores” e insistiam na necessidade de reformar o comportamento da Igreja, vinculando os sacerdotes às comunidades que estavam sob a alçada do seu múnus pastoral. Estas questões tinham sido objeto de acesos debates, desde 1545 a 1563, no concílio de Trento e tiveram o intuito de, propondo uma reforma geral da Igreja, responder aos ataques reformistas, protestantes, do norte da Europa, cujos vultos maiores tinham sido Lutero e Erasmo.

Não era a primeira vez que André de Resende manifestava o seu desagrado pela situação da Igreja neste capítulo, tanto mais que na sua juventude fora fervoroso adepto das ideias reformadoras de Erasmo.<sup>17</sup> Em dois sermões, um proferido em 1534, no Sínodo de Évora, e o outro trinta anos mais tarde, em 1565, também no Sínodo diocesano de Évora, Resende formula aceradas críticas à situação dos responsáveis pelo “rebanho” de Cristo, os bispos e sacerdotes que não cumpriam a missão a que estavam obrigados, agindo mais como bispos palacianos do que como pastores de almas.<sup>18</sup> Também no *Aegidius Scallabitanus* a questão da acumulação de benefícios eclesiásticos é trazida a terreiro, para ser criticada, quando, a respeito do facto de Gil, ainda jovem, ser cônego de três igrejas e prior de duas, um dos interlocutores, Luís Pires, comenta não ser de admirar o que se passa *corruptissimo hoc nostro saeculo*, em que é geral a *sacrorum mercatura*, e cita o caso de um português residente em Roma, um tal António Bárbaro, que tem vinte e oito igrejas a seu cargo. Todavia, como replica Resende,

---

<sup>16</sup> O recurso, por parte de Resende, ao verso hexamétrico é igualmente um tributo ao modelo horaciano, que se serve deste tipo de verso tanto na sátira como na epístola.

<sup>17</sup> Veja-se André de Resende 2000: 217-220, sobre o estado da Igreja, e 220-226, sobre o erasmismo de Resende.

<sup>18</sup> Sobre estes dois sermões, veja-se Isaías da Rosa Pereira, 1993: 185-201. Para um conhecimento muito aprofundado das ideias expendidas por Resende no sermão de 1534, veja-se muito especialmente Sebastião T. Pinho, 2006: 153-182. Uma tradução do sermão de 1534, da autoria de Miguel Pinto de Meneses, encontra-se em Matos 2000: 237-269. A respeito das mudanças decorrentes do vasto esforço de renovação espiritual, moral e religiosa que atravessou o tempo dos humanistas, veja-se Rodrigues 1981: 168-169.

é melhor não falar do assunto, pois o braço sinodal reunido em Trento está a olhar para abusos como este.<sup>19</sup>

Em evidente contraste com as referidas preocupações de índole doutrinária, a carta apresenta, na parte final (vv. 80-114), uma feição claramente festiva e epicurista, com Resende a incitar o bispo a animar-se (está abatido por se encontrar há tanto tempo longe das suas ovelhas, como foi dito) e a exortá-lo a apreciar, quando estiver de regresso à sua Leiria, não só os espetáculos proporcionados pela natureza – como o extraordinário mar revolto do litoral leiriense –, mas também a rever espaços de memória, relacionados com os campos (de Aljubarrota, esclarece Leitão Ferreira) onde se defrontaram os exércitos castelhanos e portugueses, ou a percorrer espaços arqueológicos, como as ruínas de *Collipo*, isto é, de Leiria. A acrescer a tais encantos, Resende sugere também ao bispo que dedique algum tempo de descanso a uma atividade muito do seu agrado, a pesca, que possa culminar num repasto de peixe grelhado, regado com bom vinho. Esta referência ao vinho justifica que a epístola termine com um inesperado e divertido louvor ao licor de Baco, pela capacidade que este tem de favorecer a inspiração poética. Mais. Numa *boutade* final, de marcado registo clássico, Resende não se inibe de dizer que o vinho das cepas do Bispo é mais espirituoso e inspirador da poesia do que a própria fonte de Hipocrene...

Este passo, de certo modo inesperado atendendo à gravidade da carta e do destinatário, documenta plenamente uma característica do estilo compositivo do Eborense: a sua tendência para a digressão e para o humor.<sup>20</sup> Na verdade, exemplos deste tipo de excursos abundam na obra do humanista de Évora, como abundam as digressões histórico-filológicas e outras, mais ou menos divertidas, com que vai ampliando e esmaltando o seu discurso, segundo uma estratégia que lhe permite evitar a monotonia de um discurso monotemático, a que era por natureza avesso. É o que acontece no já várias vezes referido *Aegidius Scallabitanus*, uma biografia de Fr. Gil que é interrompida, a cada passo, por excursos de mais diversa índole, ora sérios, ora jocosos.<sup>21</sup> Trata-se, sem sombra de dúvidas, de um traço característico do jeito resendiano de escrever, que tem o propósito e o gosto de amenizar o discurso – o que aqui se exprime mediante um contraste de temas, entre o sério e o jocoso, apenas possível numa correspondência entre amigos.

---

<sup>19</sup> Sobre este passo resendiano, veja-se *Aegidius*, p. 313 e notas ao passo.

<sup>20</sup> Vide Crespo 1934: 57, que não deixou de observar esta tendência resendiana, motivado pela descrição que Resende fez de Vila Viçosa: “Este sentimento da natureza, este bom gosto de emoldurar na gravidade dos hexâmetros quadrozinhos de paisagem campestre, aguarelas de cores meigas, reluzindo entre a severidade do assunto principal, é em Resende uma digressão predileta, que ele não se esquivava a intercalar sempre que o lugar o peça.”

<sup>21</sup> A respeito desta característica digressiva, a que se prestam em especial o diálogo e a carta, veja-se Resende 2000: 159-228 (“Caminhos e descaminhos dos excursos”). É no *Aegidius* que Resende se refere aos excursos como “amoeniara orationis deuerticula”, ‘digressões bem agradáveis do discurso’ (Resende, 2000: 569).

### 3. TEXTO E TRADUÇÃO

*L. Andr. Resendii Epistula ad Reuerendum in Christo patrem D. Gasparem Casalem, Episcopum Leirenensem* (versos finais, vv. 80-114)

|  |     |
|--|-----|
| (...) <i>Age, sume remissum</i>                              | 80  |
| <i>sume animum, refer aspectu te sideris almi.</i>           |     |
| <i>Finieris ubi rem, de qua coiistis, abito,</i>             |     |
| <i>Leirenamque fuga celeri pete, sancta revise</i>           |     |
| <i>templa Dei matris subrecta condita rupe,</i>              |     |
| <i>ciuibus obtutusque tuos cupientibus offer.</i>            | 85  |
| <i>Munia tunc repetes animo firmatior, isto</i>              |     |
| <i>intermissa gemis quae tempore languidus, atque</i>        |     |
| <i>nostro etiam studio si delectare, ruinas</i>              |     |
| <i>euersae poteris uel Colliponis adire,</i>                 |     |
| <i>vel quo Hispanorum centum oppetiere coortes</i>           | 90  |
| <i>in Lusitanos bella importuna gerentum.</i>                |     |
| <i>Aut si quando uoles suetum laxare rigorem,</i>            |     |
| <i>et proferre diem paulo genialius, ibis</i>                |     |
| <i>quo mare vicinum, comploso gurgite, montes</i>            |     |
| <i>uoluit aquae et spumante salo per litus inerrat,</i>      | 95  |
| <i>rursus it in sese sparsasque recolligit undas,</i>        |     |
| <i>litoreaegue retro rediens lauat aequor arenae.</i>        |     |
| <i>Ingruit hinc aliis, aliosque reciprocatur aestus,</i>     |     |
| <i>atque oculis praebet spectacula mira, Deique</i>          |     |
| <i>ad sapientis opus mentis contollit acumen.</i>            | 100 |
| <i>Inde paludicolis saeta insidiatus et hamo</i>             |     |
| <i>piscibus, ire diem nimis orbe querere citato.</i>         |     |
| <i>Nam neque uerriculo tanta est neque rete uoluptas,</i>    |     |
| <i>quanta tremente uorax quum pendet arundine mugil,</i>     |     |
| <i>adque manum trahitur saliente rubecula cauda.</i>         | 105 |
| <i>Margine dein stagni, mollique recliuis in herba,</i>      |     |
| <i>ad mensam a prunis praedam remeare iubebis,</i>           |     |
| <i>non sine Baccheio generosi palmitis haustu,</i>           |     |
| <i>cuius ut illa ferax regio est, ita nobilis ipsa</i>       |     |
| <i>de uini bonitate sui cui cuncta precari</i>               | 110 |
| <i>prospera sum solitus, quum a te uenit amphora nostrum</i> |     |
| <i>quae ciet ingenium, stimulatque in carmina longe</i>      |     |
| <i>promptius ac melius, quam turba abstemia collis,</i>      |     |
| <i>surda mihi, Aonii, toto cum fonte Medusae.</i>            |     |

Carta de André de Resende ao Reverendo em Cristo D. Fr. Gaspar do Casal, Bispo de Leiria (vv. 80-114)

(...) *Vamos, anima-te,* 80  
*anima o teu coração abatido, reconforta-te à vista do céu da terra-mãe.*  
*Quando tiveres concluído o assunto que vos fez congregar em assembleia,*  
*apressa-te a partir*  
*e dirige-te em célere fuga para Leiria, revisita o sagrado templo*  
*da Mãe de Deus, alcandorado num rochedo escarpado,*  
*e apresenta-te diante os cidadãos que anseiam ver-te.* 85  
*Então retomarás de ânimo mais firme o teu múnus, interrompido*  
*durante esse tempo que tu de certo modo deploras, e,*  
*se também te deleitas com a minha paixão,<sup>22</sup> poderás ir ver*  
*as ruínas da derruída Collipo<sup>23</sup>,*  
*ou os lugares onde cem coortes hispânicas baquearam,* 90  
*quando moveram dura guerra contra os Lusitanos.*  
*Ou então, se algum dia te apetecer abrandar o costumado rigor,*  
*e passar um dia um tanto mais descontraído, irás aonde*  
*o mar, próximo, num abismo estrondoso, montanhas* 95  
*de água revolve e, em rebentações de espuma, se espraia pelo litoral,*  
*de novo volve sobre si e recolhe as ondas dispersas,*  
*quando, voltando atrás, a planície de água banha a areia da costa.*  
*Daqui recrudescem com outras vagas tempestuosas, em fluxos e refluxos,*  
*e oferece ao olhar admiráveis espetáculos, obra de Deus*  
*sapiente para a qual eleva a penetrante inteligência da mente.* 100  
*E depois de armar, para os peixes da lagoa, uma rede com linha e anzol,*  
*lamentarás que o dia tenha passado em passo veloz.*  
*É que não há tanto prazer em qualquer rede,*  
*como quando o voraz mugem pende da cana*  
*e é puxado para a mão com a cauda avermelhada a saltar.*<sup>24</sup> 105  
*Depois, à beira da lagoa, e reclinado na erva macia,*  
*ordenarás que tragam a presa, das brasas para a mesa,*  
*não sem um gole de Baco de uma generosa vide,*  
*de que aquela região é fértil, tanto quanto é conhecida*

<sup>22</sup> Com o termo *studium* alude Resende à sua conhecida paixão pela pesquisa arqueológica, com a qual procurava comprovar as suas teorias sobre a origem romana de muitos sítios.

<sup>23</sup> Nome latino de Leiria, na opinião de Resende e segundo os escólios de Diogo Mendes de Vasconcelos às *Antiquitates Lusitaniae* de André de Resende. Mas Alarcão (1988: 47) defende que *Collipo* corresponde a S. Sebastião do Freixo, como lembra Rosado Fernandes (1996: 217).

<sup>24</sup> A linguagem poética de Resende não é suficientemente explícita para situar os locais aqui referidos. Mas Leitão Ferreira, interpretando estes versos resendianos, entende que o bispo poderá visitar “a Casa de Nossa Senhora da Nazaré”, as ruínas da antiga *Collipo*, os “célebres campos de Aljubarrota, semeados de proezas e triunfos”, as praias “do mar da Pederneira” e “os passatempos das suas pescarias”, com que o prelado se deleitava.

*pela qualidade do vinho;<sup>25</sup> é meu costume rogar para ela  
toda a prosperidade, quando me envias uma ânfora,  
que desperta o meu engenho e me incita a compor poemas,  
de forma muito mais rápida e melhor do que a turba abstémia da montanha  
da Aónia<sup>26</sup>, que não me escuta, juntamente com a nascente inteira de  
Medusa.<sup>27</sup>*

---

<sup>25</sup> Resende apreciava a qualidade dos bons vinhos portugueses, chegando a caracterizar e elogiar alguns num longo poema em latim (872 vv.) editado em Bolonha, em 1532, intitulado *Genethliacon*, composto para celebrar os grandiosos festejos, na presença de Carlos V, do nascimento do príncipe D. Manuel, filho de D. João III, em Bruxelas. O poema foi editado novamente e traduzido, em boa hora, por António Guimarães Pinto. Vejam-se, dedicados aos vinhos então servidos, portugueses e de outras regiões, os vv. 419-475.

<sup>26</sup> *Aonius*, 'da Aónia', nome mítico da Beócia, onde se situava o monte Hélicon, o monte consagrado a Apolo e às Musas. A estes se refere o poeta com a expressão "turba abstémia".

<sup>27</sup> A nascente de Medusa, isto é, a fonte Hipocrene (do gr. *Hippocrene*, 'fonte do cavalo'), a famosa nascente que terá brotado, no monte Hélicon, da terra ferida pelos cascos do cavalo Pégaso, filho de Medusa (umas das Górgonas).

## BIBLIOGRAFIA

- Alarcão, J. (1988), *O domínio romano em Portugal*. Mem Martins.
- Almeida, F. (1968), “Portugueses no Concílio de Trento”, in *História da Igreja em Portugal*, II. Lisboa, 519-549.
- Barbosa, D. S. (1991), “Portugal em Trento – Uma presença discreta”, *Lusitania Sacra* 3: 11-38.
- Castro, J. (1961), “Os Portugueses em Trento”, *Lumen* 25: 739-762.
- Crespo, F. (1934), “André de Resende, humanista e poeta latino”, *Revista da Faculdade de Letras*. Lisboa, vol. II: 50-72.
- Ferreira, F. L. (1910), “Notícias da vida de André de Resende”, in *Arquivo Histórico Português*, IX.
- García Berrio, A. y Huerta Calvo, J. (1999), *Los géneros literários: sistema e historia*. Madrid.
- Gomes, S. A. (2001), s. u. “Diocese Leiria-Fátima”, in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. 3. Lisboa, 74-81.
- Kristeller, P. O. (1985), *Studies in Renaissance Thought and Letters*, 2. Roma.
- Muñoz Martín, M. N. (2002), “Humanismo y Epístola en verso en André de Resende”, in *Cataldo & Resende (Congresso Internacional do Humanismo Português)*. Lisboa, 207-218.
- Neiva, S. (1999), *Au nom du loisir et de l'amitié. Rhétorique et morale dans l'épître en vers en langue portugaise au XVI<sup>e</sup> siècle*. Paris.
- Pereira, I. R. (1993), “Os sermões de André de Resende nos sínodos de Évora de 1534 e de 1565 e as falas de Francisco de Melo no Sínodo de 1534”, in *Humanismo Português na Época dos Descobrimentos. Actas*. Coimbra, 185-201.
- Pereira, V. S. (2002), “As cartas-prefácio de André de Resende”, in *Cataldo & Resende (Congresso Internacional do Humanismo Português)*. Lisboa, 275-293.
- Pinho, S. T. (2006), “André de Resende e o Cardeal-Infante D. Afonso: Em torno do sermão pregado no Sínodo de Évora em 1534”, in Idem, *Humanismo em Portugal*, vol. I. Lisboa, 153-182.
- Polónia, A. (2005), *O Cardeal Infante D. Henrique: Um prelado no limiar da viragem tridentina*. Porto.
- Resende, A. (2000), *Aegidius Scallabitanus, Um diálogo sobre Fr. Gil de Santarém*, Estudo introdutório, edição crítica, tradução e notas de Virgínia Soares Pereira. Lisboa.
- Resende, A. (2000), (Sermão de 1534) *Vocate Coetum, Congregate Populum* (Leitura Diplomática do texto latino e versão portuguesa de Miguel

Pinto de Meneses), in Matos, M. C. (Ed.), (2000), *Algumas obras de André de Resende, vol. I (1531-1551)*. Lisboa, 237-269.

Resende, A. (1996), *As Antiguidades da Lusitânia*. Introdução, tradução e comentário de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa.

Rodrigues, M. A. (1981), “Do humanismo à contrarreforma em Portugal”, *Revista de História das Ideias* 3: 125-176.

Van Thieghem (1994) (1966), *La Littérature Latine de la Renaissance. Étude d’Histoire littéraire européenne*. Genève.